

EDUCAÇÃO FÍSICA COMO CIÊNCIA: PARA SAIR DO SÉCULO XIX

ELIANE PARDO

Sócia pesquisadora do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Professora Dr.^a da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.
E-mail: elipardo@portoweb.com.br

LUIS CARLOS RIGO

Sócio pesquisador do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Professor Assistente da ESEF/ UFPel, doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp.
E-mail: rigo@ufpel.tche.br

RESUMO

Tomando como palco o debate referente ao processo de constituição das ciências humanas através de algumas contribuições de Merleau-Ponty e Michel Foucault, esta pesquisa teórica tomou como campo de problematização algumas preocupações emergentes no âmbito acadêmico da EF (Educação Física). Constituíram-se alvo de nossa investigação questões referentes à constituição da EF como um corpo de conhecimentos amalgamados seja através de uma ciência, seja via uma teoria científica para a EF, ou ainda de uma outra ciência que subsidie a prática da EF. Ancorando-nos em algumas teses arqueológicas de Foucault sobre o problema, as dificuldades e a necessidade ou não das ciências humanas se fundarem como ciência, levantamos aqui a hipótese de pensarmos o problema dos saberes na EF sem apresentar como condição fundante sua cientificidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Ciência; Modernidade

O QUE ESTÁ EM JOGO

Nas últimas décadas emerge, no campo da produção do conhecimento em Educação Física (EF), uma preocupação tomada por muitos como prioritária e que urge ser resolvida, considerada a amplitude, a existência e a repetição da discussão e das polêmicas por ela incitadas, qual seja, aquela que visa a constituição de uma ciência a partir da área, ou ao menos a tentativa de fundar uma metateoria que possa dar conta das demandas profissionais, na linha de uma superação do dualismo teoria-prática ou acadêmico-profissional ou ainda, como propõem outros autores, buscar uma ciência própria para referendar as intervenções práticas da área. Perguntaríamos então: por que tal preocupação parece ter se tornado uma constante em boa parte dos debates acadêmicos da EF? A situação de não se constituir como ciência é uma exclusividade dessa área? De onde, de qual contexto histórico, com qual legitimidade emergem tais discursos que às vezes beiram a uma imposição, soam como um imperativo, um pré-requisito para a área continuar a existir e a produzir conhecimento? Em outros campos de saberes tais debates também ocorrem, ou já ocorreram? Estas são algumas interrogações que nos colocamos neste momento e elas serão tomadas aqui como esteiras orientadoras de nossa reflexão. Para apontar possíveis caminhos a elas, lançaremos mão de algumas teses de Merleau Ponty e de Michel Foucault, tentando assinalar, entretanto, diferenças fundamentais no modo pelo qual esses autores abordam a questão da ciência moderna e suas relações com a filosofia e com as próprias ciências humanas.

No espaço acadêmico da EF brasileira, esta problematização teve na tese levantada por Manoel Sérgio – ao propor uma Ciência da Motricidade Humana, no final da década de 1980, um ponto de referência. Mais recentemente – segunda metade da década de 1990 – este assunto voltou a ser personagem privilegiado no palco do debate, às vezes ocupando a posição principal, outras como coadjuvante, porém sempre como uma espécie de subsolo das polêmicas acadêmicas de nossa área¹.

Não iremos pensar as problematizações da EF no palco do debate epistemológico apontando afinidades ou discordâncias teóricas com as diferentes visões que atualmente compõem o cenário que se forma no interior da área. Tomaremos essas problematizações apenas como parâmetros para nos localizarmos junto ao debate. Por outro lado, também não é nossa intenção anunciar novos paradigmas, metateorias ou cami-

1. Recentemente, na *Revista Movimento*, da UFRGS, números 2, 3 e 4, acompanhamos um extenso debate que contou com a participação de vários pesquisadores de nossa área em torno da reflexão sobre a interrogação "O que é a Educação Física?". A revista *Motus Corporis* da Universidade Gama Filho, publicada em 1996, dedicou um número especial sobre a problemática epistemológica da EF. Participaram deste debate três professores pesquisadores da área – Go Tani, Hugo Lovisolo e Mauro Betti – que, por intermédio de artigos individuais, expuseram suas visões diferenciadas sobre o assunto.

nhos que possam resolver as questões de objeto, estatuto epistemológico ou mesmo de método da EF. O que nos parece estar em jogo, aqui, é unicamente a possibilidade de poder pensar de modo diferente essa questão.

AS CIÊNCIAS HUMANAS NOS INTERSTÍCIOS DA CIÊNCIA MODERNA

Entre as múltiplas transformações das quais foi solo o século XVIII, gostaríamos de destacar aqui aquela referente a um debate que se alastra até hoje. É no seio mesmo deste século que a discussão sobre a constituição das ciências humanas parece ter emergido com maior força. Pressionados pelos valores da razão iluminista e pela formalização das ciências exatas, ocorrida anteriormente, os saberes que, costumeiramente se aglomeravam em torno da filosofia, sob o risco de sofrerem uma desqualificação de parte da ciência positiva, procuram se afastar daquela e, tomando o empírico como suporte, tentam delimitar seus objetos de estudo, estabelecer critérios de verdade, pautados pelos métodos oriundos das ciências já reconhecidas, para gradativamente, galgarem o acesso à condição de saberes científicos.

O movimento de constituição de ciências específicas, a partir de saberes não científicos, estendeu-se com força para além dos séculos XVIII e XIX, adentrando o século XX e, ao que tudo indica, para muitos, ele parece permanecer ainda como centralidade para o século XXI. Um dos acontecimentos a assinalar nesse movimento em direção à cientificização de saberes e que destacamos como um subsídio para pensar o processo da EF, deu-se com a própria filosofia. Ao separar-se, ou melhor desprender-se da filosofia, a ciência moderna colocou para a própria filosofia a exigência desta se moldar aos seus parâmetros. É neste caminho que vemos autores como Husserl embrenhar-se num movimento obstinado de tentar fazer da filosofia uma ciência, mesmo respeitando sua especificidade, através da Fenomenologia².

MERLEAU PONTY: O MITO FILOSÓFICO E O MITO DO SABER CIENTÍFICO

Mais próximo a nós e influenciando autores atuais de nossa área, vemos Merleau-Ponty recolocar esta problemática a partir de sua leitura de Husserl. O pensamento desse autor parece-nos bastante peculiar no que se refere à sua proposta de tornar a filosofia uma ciência. Considerado o filósofo da ambigüidade, Merleau-Ponty não só repensa o papel da filosofia, mas também se coloca entre os pioneiros na suspeita do valor e das possíveis contribuições que emergiam das diferentes disciplinas no campo das ciências

2. Esta preocupação de Husserl é explicitada em seu texto "A filosofia como ciência de rigor", publicado originalmente na revista *Logos*, 1910.

humanas que visavam constituírem-se como ciências específicas, seguindo os passos indicados pela ciência moderna.

Quais motivos levaram Merleau-Ponty a recorrer a Husserl para repensar o papel da filosofia? Por que o anúncio da Fenomenologia como uma possível ciência da filosofia? No texto *O Filósofo e a Sociologia* o autor constrói seu raciocínio, não tomando como ponto de partida a proposta de uma Fenomenologia, mas sim detectando sua angústia, desconforto e discordância com o pensamento moderno, que instituiu uma separação absoluta entre a filosofia e a sociologia, separação esta que podemos verificar também nas relações entre a filosofia e as ciências humanas³.

Merleau-Ponty assinala como solo desta dualidade a existência de dois mitos próprios da cultura moderna. Por um lado, "o mito filosófico", que concebe a filosofia tendo como pressuposto a "auto-suficiência absoluta do espírito", do "de dentro" do sujeito. Assim, esse mito fornece-nos da filosofia uma visão autônoma, independente do "de fora", do contexto, que é objeto do saber científico da sociologia. Por outro lado o autor identifica a existência do que denominou "o mito do saber científico" que proclama uma auto-suficiência da sociologia empirista científica em relação à filosofia. Produto destes dois mitos, o autor visualiza um estado de crise permanente da cultura moderna alimentada pela "guerra fria" que se instaurou entre filosofia e sociologia, onde, para uma sobreviver, torna-se necessário ignorar a existência da outra. Procurando desmistificar as premissas epistemológicas que fornecem sustentação para a existência destes mitos, o autor mostra-nos como a separação absoluta entre sociologia e filosofia é muito mais de princípios colocados pelo pensamento moderno, do que de fato, ou seja, na realidade, as investigações não apresentam tal dicotomia, destaca Merleau-Ponty. Segundo ele, o sociólogo, ao realizar sua investigação científica, fala de um lugar e de um momento histórico determinado e assim ele faz também filosofia, mesmo sem admitir. Além disso, a verdade de sua investigação não pode ser tomada como a única nem última verdade possível. Junto a isto, acrescenta o autor, "somente por uma decisão arbitrária" a filosofia poderia se dar o direito de ignorar o que diz a ciência, pois ambas – ciência e filosofia – tratam do mundo e da experiência. Partindo destes parâmetros, filosofia e sociologia, filosofia e ciências humanas não mais necessitam duelar entre si para sobreviverem. Pelo contrário, ambas tomam-se dependentes mutuamente, rompem-se as fronteiras absolutas entre elas.

Para dar sustentação a sua proposta, Merleau-Ponty desloca o lugar da filosofia; a ela não cabe mais a responsabilidade por um campo específico do saber. Ainda, para

3. Especificamente no texto *O filósofo e a sociologia*, o debate se dá entre estas duas áreas; porém, em outros momentos, como por exemplo no livro *Filosofia e Ciências Humanas* este debate amplia-se para abarcar áreas como a história e a linguagem, as quais, assim como a sociologia, são tomadas pelo autor como exemplos dessa separação.

escapar das intrigas monodisciplinares, o autor atribui à filosofia, por sua não sustentação em um pensamento causal, o papel de tratar do solo comum da intersubjetividade, da verdade, ou melhor, da possibilidade de uma "verdade na contingência". Além de pensar um novo lugar para a filosofia, Merleau-Ponty preocupou-se também com os riscos que identificava nos mitos específicos que se apresentavam na constituição de algumas ciências monodisciplinares no interior do pensamento moderno, reforçando auto-suficiências que advogavam, em última instância, separações absolutas entre elas, bem como entre a filosofia e as ciências humanas. É no seio destas preocupações que o autor elabora a sua proposta de pensar uma ciência fenomenológica, não causal, mas ainda uma ciência. Assim, ao justificar sua recorrência ao pensamento de Husserl, o autor explicita que este, ao seu modo de ver, teve como um de seus grandes méritos perceber que "todas as formas de pensamento são de certa forma solidárias" (Merleau-Ponty, 1991, p. 105).

FOUCAULT: DA INSTABILIDADE ESSENCIAL DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Outro autor que contribuiu significativamente para essa discussão foi Michel Foucault; porém, à idéia harmoniosa da composição e diálogo entre os saberes, presente nas premissas de Husserl, Foucault contrapõe a tensão constante como inerente ao processo de constituição dos saberes, partindo dos princípios genealógicos nietzschianos de que todo o conhecimento provém da luta. Apesar de nutrir algumas de suas teses arqueológicas⁴ a partir de historiadores da ciência e epistemólogos franceses como Bachelard, Canguilhem, Koyré, este autor realiza um deslocamento em relação a estes. Ao realizar sua pesquisa sobre a história da loucura, por exemplo, Foucault assume os conceitos de percepção e de conhecimento como alternativos aos conceitos elaborados no campo científico para pesquisar a loucura. Esse desvio é, pois, uma marca singular de sua obra e um aceno à impossibilidade de atribuir um atestado de cientificidade à pesquisa arqueológica por ele realizada, pesquisa essa relacionada muito mais a uma história descritiva, factual, do que a uma história dos conceitos e suas evoluções, estabelecendo, com isso, uma certa independência do conceito em relação à racionalidade científica.

O que nos parece por demais interessante, nesse autor, é a sua não preocupação com a produção de um conhecimento que se pautar pelos modelos científicos. O que interessa ao autor não é saber se o que se faz numa área ou campo de saber é científico ou não, mas o que efetivamente se faz nesse campo. Poderíamos admitir,

4. Alguns autores classificam as obras de Foucault a partir de três grandes eixos, quais sejam, o arqueológico, o genealógico e o ético. As obras aqui referidas pertencem a esse primeiro eixo que tematiza, entre outras questões, a constituição dos saberes sobre o homem na modernidade, assim como as relações sujeito do conhecimento e verdade.

para efeitos desse estudo, que as rupturas empreendidas nas obras arqueológicas de Foucault com a epistemologia francesa e com a história das ciências deram-se em dois níveis, o nível das teorias e o das práticas sociais, e essas rupturas não questionam a cientificidade, pelo contrário, dela se apartam, fornecendo-nos uma nova configuração no campo dos saberes e, fundamentalmente, uma possibilidade de pensar diferente o até então constituído em termos de questionamento das relações entre a ciência e os saberes que almejam, para si, esses estatutos elaborados no seio mesmo da racionalidade científica moderna.

É na tese levantada em *As palavras e as coisas* que Foucault irá fornecer-nos um possível novo modo de pensar a produção dos saberes na modernidade e, com isso, a ênfase na necessidade de não mais tomarmos como fio condutor os moldes da racionalidade científica para produzirmos conhecimento em campos epistemologicamente difusos, se tomamos como parâmetros as coordenadas que movem o pensamento, quando situado no terreno da cientificidade. Para Foucault, as ciências humanas nascem no mesmo momento em que se constitui o homem como objeto de um conhecimento científico, contemporâneo e do mesmo veio que a biologia, a economia e a filologia, ciências empíricas modernas, que tornam como objeto o homem nas dimensões da vida, do trabalho e da linguagem. O aparecimento do homem como apriori histórico da episteme⁵ moderna é para Foucault um acontecimento na ordem do saber e provoca uma redistribuição geral da mesma. O homem, ao instalar-se como objeto de um saber científico passa a ser, ao mesmo tempo, aquele que pensa esse objeto e também aquele que autoriza o questionamento de todo o conhecimento sobre si mesmo. A relação sujeito/objeto passa a ser geradora de um debate que se reflete no interior das instituições de pesquisa atualmente, qual seja, o das ciências do homem versus ciências propriamente ditas, o da filosofia versus ciências humanas.

Para Foucault, essa discussão não teria fim e se coloca quase como um falso problema para o campo da produção do conhecimento nas áreas ditas "humanas". Por que essa inviabilidade de uma resposta à questão, perguntaríamos nós. O autor nos responderia partindo de sua tese sobre a existência de uma instabilidade essencial que caracteriza as "ciências humanas", quando situadas no espaço dos saberes epistemologi-

5. A episteme é entendida por Foucault (1987, p. 217) como "o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente, a sistemas formalizados; o modo segundo o qual em cada uma dessas formações discursivas, se situam e se realizam as passagens à epistemologização, à cientificidade, à formalização". Ainda, para o autor, a episteme não deve ser confundida com conhecimento ou tipo diferenciado de racionalidade que, ao ser analisada, iria apresentar-nos a soberania de um sujeito, espírito ou época; ela é, na verdade, um conjunto de relações que se estabelecem entre os saberes em determinada época, quando se analisa as mesmas pelas suas regularidades discursivas.

zados ou formalizados cientificamente. No triedro dos saberes modernos, as ciências humanas, como um pêndulo, oscilariam entre as *ciências empíricas do homem* – que tratariam das questões relativas ao homem como objeto; as *ciências dedutivas* – a matemática e a física; e a *filosofia* – que trataria, entre outras questões, do que e de como é possível conhecer, tendo como foco o sujeito do conhecimento. As humanas – sociologia, psicologia e a análise da literatura e dos mitos, tratariam das representações⁶, e é exatamente essa problemática das representações que vai dar às ciências humanas um estatuto diferenciado das ciências empíricas, uma dificuldade com os critérios modernos de cientificidade e uma diferença estrutural assinalando os três tipos de saberes da modernidade. Para Foucault, as ciências humanas estão inclusas e exclusas do triedro epistemológico. Excluídas porque não estão fixadas em nenhuma das três dimensões e inclusas porque encontram-se nos interstícios desses saberes na medida que utilizam a formalização matemática, que procedem segundo modelos ou conceitos tomados de empréstimo à biologia, à economia e às ciências da linguagem. Ao mesmo tempo, endereçam-se ao modo de ser do homem em sua finitude radical (filosofia) apesar das ciências tomarem-no em suas manifestações empíricas. Por isso, para esse autor, as ciências humanas são perigosas e estão em constante perigo pela sua condenação à instabilidade essencial. Portanto,

o que explica a dificuldade das ciências humanas, sua precariedade, incerteza quanto ciência, sua familiaridade com a filosofia, seu caráter secundário e derivado, sua pretensão ao universal, seu apoio mal definido sobre outros domínios do saber não é a densidade de seu objeto nem o estatuto metafísico do mesmo, mas a complexidade da configuração epistemológica onde se acham colocadas, sua relação constante com as três dimensões que lhes confere espaço [Foucault, 1987, p. 365].

Essa singularidade assinalada por Foucault tem como solo a contingência histórica das discussões entre os saberes na modernidade, ou seja, a fragmentação do campo epistemológico constitui ruptura recente no campo do saber e ela tem como ponto de partida o nascimento do homem como sujeito e objeto desses saberes. “O homem não é o mais velho problema nem o mais constante que se tenha colocado ao saber humano”

6. Não iremos nos ater aqui à elucidação da compreensão de representação para Foucault (1987, p. 369), apenas assinalamos que ela diz respeito às dificuldades no estabelecimento de relações das ciências humanas com as ciências empíricas e também com a filosofia pois, para as ditas “ciências humanas” o homem é esse ser vivo que constitui representações graças às quais vive e a partir das quais detém essa estranha capacidade de poder se representar justamente a vida. É no espaço das representações que o homem é tornado como objeto das ciências humanas e, assim, elas não são uma análise do que o homem é por natureza, mas tratam o homem naquela camada de condutas, comportamentos, atitudes e embrenham o homem que tomam por objeto no campo da finitude, da relatividade, da perspectiva, no campo da *erosão indefinida do tempo*.

dirá Foucault (1987, p. 403). Na filosofia, essa possibilidade é inaugurada com Kant ao anunciar a morte de Deus e a inviabilidade da pesquisa das essências. O que existe são os fenômenos e estes são acessíveis à razão. Ao anunciar a morte da metafísica, Kant acorda o homem de seu sono dogmático e inaugura a episteme moderna tendo como *a priori* histórico, como condição de possibilidade, o sujeito do conhecimento. Porém, para Foucault, ao acordar-nos de um sono dogmático, Kant faz-nos dormir um sono antropológico e é desse sono que Foucault, na trilha nietzschiana e na crítica ao humanismo, tenta nos acordar.

Além de assinalar a contingência histórica que caracteriza a eleição do homem como objeto e sujeito do conhecimento no campo de luta dos saberes modernos, Foucault aponta-nos os “jogos de verdade” que daí resultam, estipulando normas e valores, estabelecendo o que deve e o que não deve ser dito, instituindo as práticas divisórias, constitutivas dos modos de subjetivação e objetivação do sujeito da episteme moderna, forjando o que ele denominou de “regimes de verdade”, responsáveis não pela descoberta da verdade mas sim pelo estabelecimento do “que um sujeito pode dizer, afirmar a respeito da questão da verdade e da falsidade”. Tendo como referência estas reflexões, Foucault (1987, p. 404) leva ao extremo sua inquisição sobre a “vontade de verdade”, um dos pilares da racionalidade moderna, encerrando sua obra *As palavras e as coisas* com a polêmica alegação de que “se essas disposições viessem a desaparecer tal como apareceram... como aconteceu, na curva do século XVIII com o solo do saber Clássico – então se poderia apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia”⁷.

Para Michel Foucault, portanto, a discussão sobre as “ciências humanas” não é uma questão central na condução de suas pesquisas posteriores à arqueologia, além de

7. A metáfora do desvanecimento do rosto na areia na orla do mar permite-nos visualizar e redimensionar a grande ruptura demonstrada pela arqueologia de Foucault, que se deu na passagem da Época Clássica à Modernidade, ruptura esta marcada pela irrupção do homem como sujeito e objeto do conhecimento. Para Foucault, o lugar de Deus permanecia ainda resguardado em Descartes. É em Kant que ele se desocupa e dá lugar ao homem. São estes desdobramentos na ordem dos saberes (as mudanças na episteme) que Foucault tenta descrever em *As palavras e as coisas* cujas críticas empreendidas à obra apontavam ser o seu autor o responsável pela morte do homem. O buraco deixado pela morte de Deus é agora ocupado por um homem que passa a pensar as representações, deslocando-as da descrição à análise e, no momento em que o homem pensa e significa as representações, num mesmo movimento em que é representado, ele passa a figurar onipotente no quadro dos saberes modernos, e com isso, abre-se todo um novo campo que, contraditoriamente, torna possível a positividade dos saberes, seu desenrolar, e denuncia os limites do homem quando sujeito e objeto desses saberes. Essa ruptura será caracterizada por Foucault como analítica da finitude. Maiores esclarecimentos quanto a essa tese de Foucault, recomendamos as leituras de Esthér Díaz (*Michel Foucault: Los modos de subjetivación*, Buenos Aires, Almagesto, s.d.), Dreyfuss e Rabinow (*Michel Foucault: uma trajetória filosófica*, 1987).

ser a mesma de difícil esgotamento, na medida que seus tensionamentos originam-se no próprio berço que as acolheu, o berço incerto de sua falta de espaço fixo. Para uns, um problema, para outros, um desafio. No entanto, devemos ter claro que as ciências do homem fazem parte da episteme moderna, nesse campo *enraizam sua positividade*, nele encontram sua condição de existência, por isso não são ilusões, opiniões, ideologias, o que não quer dizer, no entanto, que sejam ciências.

A CRISE DE CIENTIFICIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Quando se constata a crise os salvadores se multiplicam [Lovisol]

Partindo das práticas acadêmicas de nossa área, aventamos aqui a possibilidade de tratar o momento histórico da EF neste final de século de uma outra forma, assinalando a necessidade de pensar outras demandas para a área. Demandas que, sob a égide de compromissos éticos/profissionais,ousem se orientar por princípios que não neguem os cânones de qualquer promessa redentora de cientificidade, mas também não se limitem a eles e, muito menos, os supervalorizem.

Assim, ao invés de insistimos e persistimos lamentando a falta de uma meta teoria que seja capaz de suprimir um advogado estado de crise epistemológica da EF, talvez fosse interessante nos perguntarmos se realmente o estado existe. Será que obrigatoriamente se trata de uma carência, de uma falta ou seria muito mais uma questão de singularidade da área? Simpatizando muito mais com a segunda hipótese, pensamos na possibilidade de tomar a EF como um campo de positividade⁸, forjado nos embates, nas lutas intrínsecas entre os diferentes saberes que a constroem. Nessa ótica, a instabilidade, a fluidez epistemológica da EF não é visualizada como atraso, mero estágio, etapa anterior, se comparada a outras disciplinas que melhor se enquadraram aos moldes da epistemologia moderna ou que já se instituíram como ciência. Tomamos a EF e seu momento atual – compartilhado também por outras áreas do saber – como um campo de conhecimentos nascidos e constituídos no cruzamento das mais diversas áreas, o que a coloca em uma permanente situação de nebulosidade, fugaz a qualquer definição mais rígida, quanto ao seu objeto e ao estatuto epistemológico, o que não a faz nem superior nem inferior a outros saberes, mas diferente⁹.

8. Para Foucault (1987), as formações discursivas apresentam-se em quatro estados diferentes, quais sejam, limiar de positividade, de epistemologização, cientificidade, e limiar de formalização. Um campo de saberes pode adentrar um limiar de positividade quando apresenta um sistema de formação de enunciados, assume sua autonomia e se individualiza. Os diferentes limiares não devem ser tomados hierarquicamente e nem atrelados a qualquer garantia de evolução linear entre eles.

9. Para nós, a EF possui singularidades que a aproximam de áreas como, por exemplo, a Educação Artística que parece ter abandonado preocupações essencialistas como a do tipo “o que é a

Lembramos que a questão fundamental que levou Merleau-Ponty a pensar a filosofia como uma ciência específica e a rever as relações das ciências humanas com a mesma era “um estado de crise permanente da cultura” identificado pelo autor. Foucault, além de ter sido aluno de Merleau-Ponty, acompanhou todo o debate e o esforço epistemológico realizado por ele e por outros autores desta época, porém, apesar de compartilhar as críticas, como as que denunciavam os riscos dos mitos filosófico e científico, o autor efetua uma ruptura histórica ao se deslocar do debate interno da ciência e colocar o problema de outra forma. Sem desaguar numa postura irracionalista e sem negar a contribuição do que denomina de “ciências dedutivas”, “saberes formalizados”, Foucault questiona não somente a necessidade colocada para as ciências humanas de constituírem-se enquanto ciências, mas também a viabilidade dessa constituição que, para ele, conforme demonstraram suas análises arqueológicas dos saberes modernos, é inviável. Tal analítica, somada a argumentos que procuram sustentar a validade de saberes não epistemologizados, cientificizados ou formalizados, não apenas secundariza o estatuto um tanto autoritário dos valores e da legitimidade da ciência, como também não compartilha da denúncia de um estado de crise permanente elaborada por Merleau-Ponty na esteira de Husserl. Partindo dessa ótica foucaultiana poderíamos perguntar, a título hipotético, se não estaríamos valorizando em demasia as preocupações que nascem e afloram no campo das discussões da produção do conhecimento na EF referentes a buscar defini-la, torná-la um campo científico, ou uma teoria ou ainda uma ciência que forneça sustentação às suas intervenções práticas. No momento que vemos tomar forma, nesta virada de século, um movimento que, partindo dos mais diversos campos dos saberes, ousa suspeitar do monopólio de uma espécie de

arte”, bem como não demonstra maiores preocupações em legitimar-se a partir de uma meta-teoria, nem em definir seu estatuto epistemológico e muito menos em se constituir como uma ciência. Boa parte das preocupações hoje nessa área são de outra ordem, estão em outro campo. Élica Tessler, no artigo “Obras e sobras: rupturas na arte contemporânea” assinala que a pergunta o que é arte se tornou de certo modo uma pergunta equivocada “[...] quase infinita. Impossível encontrar uma resposta. Uma só resposta”. Segundo ela, esse questionamento cedeu lugar a perguntas como as do tipo: “Quando é arte? Onde é arte? Por que é arte? Quem é o artista?”. Élica TESSLER, Obras e Sobras: rupturas na Arte Contemporânea, em *Educação, Subjetividade e poder*. Revista do Núcleo de Estudos Sobre Subjetividade, Poder e Educação da UFRGS, 1997.

Torna-se interessante também observar como outras disciplinas de maior tradição acadêmica, como é o caso da história, vem enfrentando a questão de ser ou não ciência e a necessidade disso. Sobre essa questão, Paul Veyne assinala sua posição dizendo que ela “[...] não é uma ciência e não será jamais; se souber ousar, terá possibilidade de renovação indefinida porém, numa outra direção”. Nessa mesma perspectiva ele destaca que a história “[...] não é um esboço de explicação científica ainda que imperfeito [...]”, e jamais se tomará uma ciência porque “[...] ela está acorrentada à explicação causal de onde sai”. E salienta que “mesmo que as ciências humanas descobrissem amanhã inúmeras leis, a história não seria perturbada por isso, continuaria o que é”, Paul VEYNE, *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*, Editora da UNB, 1995, p. 8-85.

fé calcada na "vontade de verdade", almejada e sustentada pela racionalidade científica moderna, a indefinição epistemológica da EF não poderia ser tratada de uma outra forma? Não seria interessante aventar a possibilidade de tomá-la em sua positividade? Questionar inclusive de onde, a partir de quais referências, necessidades e demandas emanam os discursos que atribuem ao estado atual da EF, como campo de produção de conhecimentos, o estatuto de uma falta, uma carência, um estado inferior e não uma singularidade. Sendo um pouco mais ousados, poderíamos pensar que ao invés de um limite se trata de uma resistência, ou melhor de uma "antidisciplina"¹⁰ banhada pela empiricidade de suas práticas que resistem e insistem em não se modelar ao cânones da cientificidade moderna¹¹.

Este final de século parece apontar, de forma radical, para uma completa desterritorialização dos saberes. Partindo desse quadro, talvez seja possível visualizar, na nossa tão criticada falta de objeto, estatuto, definição, que parecem empiricamente induzir-nos a cruzamentos com profissionais de outras áreas, a estabelecermos relações nem sempre tão harmônicas com outros saberes ou mesmo ciências, no campo de abrangência cada vez mais ampliado de nossas práticas, demandando novos esforços no sentido de pluralizarmos nossos currículos, não um limite mas uma qualidade, não um problema, mas um desafio. Um desafio ao pensamento. Já que pensando com Japiassu diríamos que hoje: "... uma pessoa alfabetizada cientificamente é alguém capaz de construir uma ilha de racionalidade, ou seja, um modelo interdisciplinar susceptível de esclarecer uma situação precisa [...]"¹².

Encerramos nossa reflexão com o aceno para a possibilidade de podermos pensar o campo da produção do conhecimento na EF situando-o num limiar de positividade onde os saberes produzidos na área poderiam ser orientados muito mais por uma preocupação ética do que necessariamente pelos moldes de uma ciência¹³. Para nós esta

10. O termo antidisciplina foi criado e inspirado a partir de Michel de Certeau. Este autor procura nomear as resistências sutis, as "artimanhas" e as "astúcias" que constituem a maioria das práticas culturais de nosso cotidiano a partir dessa idéia. Maiores considerações ver: Michel CERTEAU, *A Invenção do Cotidiano I: Arte de Fazer*, Petrópolis, Vozes, 1994.

11. A própria idéia de crise atravessada pela EF ao nosso ver merece ser melhor pontuada. Cada vez mais se torna necessário pensarmos até que ponto ou, ao menos, para quem tal crise existe? Um dado empírico importante que pode nos ajudar a refletir sobre a amplitude, a existência ou não de um estado de crise na EF talvez possa ser encontrado no aumento significativo que vem tendo, nos últimos anos, a procura pelo curso superior de EF. Diferente das demais licenciaturas e também do que poderíamos chamar de Ciências Humanas "puras" a demanda pela EF vem apresentando um crescimento visível que merece atenção. Sinal de crise?

12. Hilton JAPIASSU, A educação científica no projeto pedagógico, *Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa*: número especial – Questões Epistemológicas, UEM, n. 9, p. 121, 1999.

13. Sobre a necessidade ou não de cientificidade para as "ciências da educação" Hilton Japiassu faz a seguinte observação: "creio que não deveriam se preocupar tanto com a questão de sua cientificidade. No meu entender, deveriam estar muito mais interessadas em resolver o seguinte

preocupação, qual seja, de a EF vir a ser ou não uma ciência, talvez esteja desfocada de nossa época. Sem desconsiderarmos as contribuições que nos trouxe esse debate, talvez ele tenha mesmo chegado ao limiar de sua fecundidade, tendo em vista que sob uma "concepção não-proibitiva de ciência [...] fica sem sentido discutir se uma teoria é científica ou não: pode-se dar o nome de científico a qualquer coisa que se queira, pois o objetivo da epistemologia deixa de ser o de rotular e classificar as coisas de forma absoluta"¹⁴.

Physical education as science for letting the century XIX behind

ABSTRACT: This research is according to the debate regarding the constitution process of the human sciences by Merleau-Ponty and Michel Foucault and to some current concerns in the Physical Education College. We've studied the constitution of the Physical Education College as a knowledgeable organization in favor of a science, a scientific theory to this college, or even another science that subsidizes it. On the basis of some archeological theses by Foucault about the problems, difficulties and necessities or not of the creation of the human sciences, we've been reflected about the problems of the knowledge in the college, not the scientific knowledge, but the constitution knowledge.

KEY-WORDS: Physical Education; Science; Modernity

Educación física como ciencia: para salir del siglo XIX

RESUMEN: Teniendo como escenario el debate referente al proceso de constitución de las ciencias humanas através de algunas contribuciones de Merleau-Ponty y Michel Foucault esta encuesta teórica tomó como campo de problematización unas cuantas preocupaciones emergentes en el ámbito académico de la EF. Se constituyeron objetivo de nuestra encuesta cuestiones referentes a la constitución de la EF como un cuerpo de conocimientos mezclados através de una ciencia, o por intermedio de una teoría científica para la EF, o aún de una otra ciencia que subsidie la practicidad de la EF. Apoyándonos en algunas tesis arqueológicas de Foucault sobre el tema, las dificultades y la necesidad o no de las ciencias humanas fundar se como ciencia levantamos aquí la hipótesis de pensar el problema de los saberes en la EF sin poner como condición fundamental su científicidad.

PALABRAS CLAVES: Educación Física; Ciencia; Modernidad

problema: em que condições as produções dos pesquisadores em ciência da educação são capazes de inventar um mundo, de se tornar parceiras da modernidade e de pensar, não somente o que é verdade, mas o que é justo e desejável?" (Idem, p. 116/117).

14. Roberto de Andrade MARTINS, O que é a ciência, do ponto de vista da epistemologia?, *Caderno de Metodologia e Técnica de pesquisa*: número especial – Questões Epistemológicas – UEM, n. 9, p. 17, 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERTEAU, M. *A Invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- JAPIASSU, H. A educação científica no projeto pedagógico. *Caderno de Metodologia e Técnica de Pesquisa*, Maringá, n. 9, 1999.
- MARTINS, R. de A. O que é ciência, do ponto de vista da epistemologia? *Caderno de Metodologia e Técnica de Pesquisa*, Maringá, n. 9, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. *O filósofo e a sociologia*. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo: Saraiva, 1973.
- MOTUS Corporis*: revista de divulgação científica do mestrado e doutorado em Educação Física, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, dez. 1996.
- TESSLER, E. Obras e sobras: rupturas na arte contemporânea. *Educação, Subjetividade e Poder*, n. 4, jan./jun. 1997.
- VEYNE, P. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 3. ed. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1995.